

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS IV – CHAPADINHA
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LUANA CARVALHO DE ARAUJO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL NA ESCOLA BOM JARDIM**

Chapadinha/MA
2016

LUANA CARVALHO DE ARAUJO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL NA ESCOLA BOM JARDIM**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Gonçalves da Silva.

Chapadilha/MA
2016

Araujo, Luana Carvalho de.

Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim/Luana Carvalho de Araújo. – Chapadinha, MA - 2016.

32 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Ciências Biológicas, 2016.

1. Educação 2. Escolarização 3. Conhecimento 4. Cegueira 5. Formação docente.

CDU 376.123(812.1)

UMA REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ESCOLA BOM JARDIM

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Gonçalves da Silva (Orientador)
Dr. Entomologia Agrícola
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Mabson de Jesus Gomes dos Santos
Mestrando em Educação Especial
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Patrícia Azevedo de Oliveira
Especialista em Gestão Educacional
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela presença constante em nossas vidas e por ter me concedido a graça de conclusão deste trabalho, guiando-me em todos os momentos.

Ao meu esposo Jackson Aguiar de Castro, pela paciência, amor, carinho, apoio e compreensão nos momentos ausentes decorrentes dos trabalhos acadêmicos.

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo constante, por juntos acreditarem no meu sonho.

Ao professor Cláudio Gonçalves da Silva, por nortear todo processo de desenvolvimento desse trabalho, pela colaboração contínua no decorrer da pesquisa, pela paciência, apoio, compreensão e pela troca de conhecimentos e experiência compartilhada.

Ao Mabson de Jesus Gomes dos Santos, pela amizade, carinho e pelo apoio incondicional em todos os momentos e por servir como exemplo para mim como pessoa e como profissional.

A Patrícia Azevedo de Oliveira por aceitar o convite de participar da banca e contribuir com o presente trabalho.

De maneira geral aos familiares e amigos que fazem parte da minha vida, deixolhes meus sinceros agradecimentos.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas, graças a Deus, não somos o que éramos”.

Martin Luther King.

SUMÁRIO

	Página
Resumo.....	08
Abstract.....	08
Introdução.....	09
Metodologia.....	09
Caracterização da escola-campo.....	10
Resultados e discussão.....	10
Considerações finais.....	16
Referências.....	16
Apêndices.....	18
Anexo.....	22

**Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim
(Normalizado de acordo com as normas da Revista Ciência e Educação)**

**Luana Carvalho Araujo¹
Cláudio Gonçalves da Silva²**

¹ Graduada em Pedagogia, graduanda em Ciências Biológicas. Curso de Ciências Biológicas – Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, UFMA. Chapadinha – MA, e-mail: luanna_karvalho@hotmail.com. MA 230, Km 04, S/N – Boa Vista.

² Graduado em Ciências Licenciatura Plena – Habilitação e Biologia, Graduado em Pedagogia, Graduando em Agronomia e Matemática. Doutor em Entomologia Agrícola, Docente do Curso de Ciências Biológicas – Centro de Ciências Agrárias e Ambientais – UFMA.

Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim

An reflection on the inclusion of the visually impaired in the School Bom Jardim

Luana Carvalho de Araujo

Resumo: O presente trabalho pretende analisar como o processo de inclusão acontece nos espaços escolares de ensino regular e suas contribuições com relação ao respeito à diversidade e a possibilidade de melhoria no rendimento dos alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim, pois se considera relevante conhecer a maneira como a formação e a inclusão de educandos com deficiência visual estão ocorrendo. Entende-se que, para que aconteça a inclusão é necessário que todos que compõem a escola tenham a consciência da necessidade de criar soluções que ajudem na integração de educandos com deficiência para que os mesmos sintam-se membros do espaço escolar. Para o alcance dos objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo com enfoque qualitativo, a fim de analisar e descrever as informações coletadas. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram questionários destinados à gestora escolar, duas educadoras do Ensino Fundamental e duas mães dos discentes com deficiência visual. Perante os resultados obtidos, conclui-se que não há inclusão na escola, pois ainda há um distanciamento entre o que a escola oferece e o que realmente deve ser oferecido. Faz-se necessário, portanto muitas mudanças no contexto educacional para que a inclusão seja alcançada.

Palavras-chave: Educação. Escolarização. Conhecimento. Cegueira. Formação docente.

Abstract: The present work intends to analyze how the inclusion process happens in the school spaces of regular education and their contributions regarding the respect to the diversity and the possibility of improvement in the income of the students with visual deficiency in the Bom Jardim School, because it is considered relevant to know the way Such as the training and inclusion of students with visual impairment are occurring. It is understood that, for inclusion to take place, it is necessary that all those who make up the school are aware of the need to create solutions that help the integration of students with disabilities so that they feel they are members of the school space. In order to reach the proposed objectives, a bibliographical and field research with a qualitative focus was carried out, in order to analyze and describe the information collected. The instruments used for data collection were questionnaires intended for school administrators, two elementary school teachers and two mothers of students with visual impairment. Given the results obtained, it is concluded that there is no inclusion in the school, because there is still a gap between what the school offers and what should be offered. Therefore, many changes in the educational context are necessary for inclusion to be achieved.

Keywords: Education. Schooling. Knowledge. Blindness. Teacher training.

Introdução

A inclusão de educandos com deficiência visual nas classes regulares de ensino tornou-se um grande desafio para os profissionais da área educativa, pois há uma carência de profissionais nos espaços escolares preparados para lidar com essa modalidade e isso é considerado atualmente um dos principais obstáculos para o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. O interesse pelo tema surgiu a partir da realidade presenciada nos estágios, onde foi constatada uma grande dificuldade por parte dos educadores na realização de suas práticas pedagógicas no que se refere à aprendizagem de pessoas com deficiência visual.

Partindo desse pressuposto, sentiu-se a necessidade de verificar de maneira mais abrangente a temática estudada com a finalidade de obter respostas e prováveis sugestões que possam ajudar na complexidade do processo de inclusão no ensino regular. Observa-se que, mesmo com as inúmeras conquistas e mudanças, ainda hoje a sociedade é assinalada pela desigualdade, onde as pessoas com deficiência ainda são indiretamente excluídas, pois embora estejam em turmas regulares ainda recebem um atendimento assistencialista e não educacional.

Neste sentido, evidencia-se a importância deste trabalho, pois é necessário refletir a respeito de alguns aspectos que influenciam no processo de desenvolvimento educacional desses educandos que apresentam necessidades especiais.

Diante da temática surgiram as seguintes questões norteadoras:

- A escola está adequada para receber alunos com deficiência visual?
- Quais dificuldades o educador encontra em sala para trabalhar com o educando com deficiência visual?
- Como a formação do educador influencia no processo ensino-aprendizagem?
- Como sensibilizar os educadores e os demais que trabalham na escola sobre a importância da inclusão no ensino regular?

No intuito de buscar respostas a tais questionamentos, procurou-se inicialmente averiguar e compreender de que maneira a escola contribui para a inclusão dos educandos com necessidades especiais no processo pedagógico. Vale ressaltar, a importância dessa pesquisa, pois a mesma salientará de maneira mais profunda a partir do estudo teórico uma análise sobre o tema, pois entende-se que para que aconteça uma inclusão é necessário que todos que compõem a escola tenham a consciência dessa necessidade de criar soluções que ajude na inclusão de educandos com deficiência visual para que os mesmos sintam-se membros do espaço escolar.

Metodologia

Para concretização deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo com enfoque qualitativa descritiva, objetivando analisar e descrever as informações coletadas.

De acordo com Vergara (2011, p. 42),

A pesquisa expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação.

Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário com perguntas abertas para a gestora escolar, duas professoras e duas mães que concordaram em participar por meio do termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa.

Referindo-se ao questionário, Vergara (2011, p. 52) enfatiza que:

O questionário caracteriza-se por uma série de questões apresentadas ao respondente, por escrito, de forma impressa ou digital. [...] No questionário aberto,

as respostas livres são dadas pelos respondentes; no fechado, o respondente faz escolhas, ou pondera diante de alternativa apresentadas.

Para fundamentação teórica necessitou-se das concepções de alguns autores como: Giroux (1997), Freitas (2008), Libâneo (2008), Vergara (2011), Carneiro (2012), Granemann (2013), entre outros objetivando compreender as questões abordadas.

Caracterização da escola-campo

Com a finalidade de alcançar o objetivo proposto neste trabalho, realizou-se uma pesquisa de campo, sendo que a mesma foi conduzida em uma escola pública no Município de Chapadinha – MA, aqui denominada Escola Bom Jardim.

A escola oferece o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano no turno matutino, e Ensino Fundamental maior de 6º ao 9º ano no turno vespertino, com um quadro de funcionários compostos por: 01 (uma) diretora, 01 (uma) recepcionista, 01 (uma) supervisora, 01 (um) auxiliar de secretaria, 02 (dois) agentes administrativos, 03 (três) vigias, 07 (sete) agentes de serviços gerais, 24 (vinte e quatro) professores, com formação superior. Quanto à estrutura física, a escola dispõe de: 01(uma) diretoria, 01 (um) laboratório de informática, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) cantina, 01 (um) depósito para merenda, 05 (cinco) banheiros, 01 (um) área de pátio e 09 (nove) salas de aula.

A escola atende 485 (quatrocentos e oitenta e cinco) educandos nos turnos matutino e vespertino, sendo que a escola possui 15 (quinze) educandos com diversas deficiências (física, mental e visual), são oriundos de famílias de classe baixa recebem o benefício do Governo Federal (bolsa família), vivendo também da renda do coco babaçu, da lavoura de subsistência, de trabalhos autônomos e de aposentadoria pois alguns pais e avós são aposentados. A escola está localizada em um bairro da periferia da cidade um pouco distante do centro urbano, atende alunos do próprio bairro e bairros circunvizinhos, a escola agrega alunos com uma variedade cultural diversificada em virtude do bairro ter se formado por famílias de várias localidades da zona rural.

Resultados e discussão

Primeiramente foi analisado o questionário direcionado à gestora com a finalidade de compreender as concepções da gestão escolar sobre a temática. O primeiro questionamento foi: “O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?” A mesma respondeu: “*São todas as dificuldades existentes, diferenças essas que são características individuais de cada pessoa*”. Diante do argumento acima, percebeu-se que a gestora tem conhecimento do que vem a ser diversidade, uma vez que, reconhece as especificidades de cada indivíduo.

Sobre essa questão, Granemann (2013, grifo do autor) enfatiza que:

Trabalhar na escola numa perspectiva inclusiva não é missão impossível, mas um desafio. Um “propósito” de “querer”, “pensar e fazer” uma escola que inspire a troca entre os alunos, que confronte formas desiguais de pensamento, que busque metodologias interativas, que faça do reconhecimento da diversidade, estratégia para uma nova aprendizagem, que conceba o aluno por inteiro e respeite a dignidade de todo e qualquer indivíduo.

Em seguida foi indagado: “Qual nível da procura de vagas para crianças com deficiência visual?”. Diante de tal questionamento, obteve-se a seguinte resposta: “*Não se sabe informar, até mesmo porque no ato da matrícula os pais não nos informam se o filho possui algum tipo de deficiência e reconheço ser um erro da gestão escolar não perguntar*”.

Observou-se que, mesmo sendo uma responsabilidade da instituição saber no ato da matrícula se o educando tem algum tipo de deficiência a própria gestora afirma que não há uma preocupação com os aspectos sociais do educando.

Segundo Carneiro (2012, p. 50), “o critério da inclusão, como consagração do princípio da igualdade, pressupõe uma escola comum, espaço aberto para a introdução de todos os alunos no mundo social, cultural e científico. Se o mundo é de todos, a escola não pode ser de alguns!”.

A pergunta seguinte foi: “A escola está preparada em seus aspectos físicos e pedagógicos para atender os educandos com deficiência visual?” A gestora respondeu: “*Com certeza não, e no que se refere ao aspecto físico, à preocupação é voltada somente para o cadeirante, e ainda assim não se tem uma total acessibilidade*”. A partir da resposta acima, observou-se que, a escola tem uma grande lacuna com relação à acessibilidade, pois a mesma se limita apenas aos deficientes físicos, não atendendo às demais necessidades especiais de cada educando ali inserido.

Nessa perspectiva, Carneiro (2012, p.152, grifo do autor) ressalta que:

II - Pessoas devidamente qualificadas e recursos materiais e financeiros são pré-requisitos para o adequado funcionamento da escola. [...]. Isto implica pessoas e recursos em proporções correspondentes ao que prescreve o Art. 25 da LDB, devendo-se estabelecer, sempre, “uma relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento”.

Quando foi indagado à gestora se “Há comunicação aberta entre a escola e a comunidade a respeito da inclusão? De que forma?” Obteve-se a seguinte resposta: “*Acredito que sim, mas ainda muito restrito e embora a escola tente realizar um bom trabalho de inclusão ela não dispõe de recursos, acaba que a inclusão é uma realidade muito distante*”. Percebe-se que a escola mesmo tendo deficientes não proporciona propostas adequadas para que possa oferecer uma educação de qualidade para esta modalidade de ensino.

Nesse contexto, Rodrigues (2008, p. 44 grifo do autor) ressalta:

“Não quero **esta** Inclusão” em lugar de “Não quero **a** Inclusão?” É esta a missão dos responsáveis que atuam no campo da definição de políticas educacionais inclusivas: melhorar as respostas políticas de forma a contribuir para criar as condições para que a inclusão deixe de ser discutida como uma eventual opção e passe a ser aceita como uma questão de direitos humanos e uma reforma essencial ao desenvolvimento da cidadania.

Perguntou-se ainda: “A escola oferece formação continuada aos educadores na área da Educação Especial? Justifique.” A gestora respondeu: “*Nunca, a escola não oferece qualquer tipo de formação, nem a formação continuada na educação básica e nem na educação especial*”. Diante da fala da gestora, detectou-se o descomprometimento com os educandos que têm deficiência. A falta de cursos de formação voltados para essa modalidade de ensino resulta em um trabalho de má qualidade e com isso todos sofrem as consequências.

De acordo com Libâneo (2008, p. 229): “[...] É responsabilidade da instituição, mas também do próprio professor, porque o compromisso com a profissão requer que ele tome para si a responsabilidade com a própria formação”.

Em seguida foi questionado: “O planejamento da escola está adaptado para atender os educandos com deficiência visual?” Diante da pergunta acima, a gestora afirmou: “*Não, pelo menos nos anos e nas escolas que trabalhei não existe esse planejamento que seja voltado ao deficiente visual e nem vai existir*”. Observou-se uma contradição nas respostas apresentadas pela gestora, pois anteriormente havia dito que há inclusão na escola e em seguida, ao se referir ao planejamento, diz que o item “inclusão” não é contemplado no planejamento.

Segundo Freitas (2008, p. 27) contempla que:

Não se trata do professor ter conhecimento das especificidades e características das deficiências ou dos indicadores de altas habilidades/superdotação dos alunos, mas, sobretudo, do professor ressignificar a base da sua prática educativa, ou seja, pensar o currículo, o planejamento e a avaliação sob a ótica da valorização da diversidade e do respeito à diferença.

Com relação aos materiais pedagógicos foi questionado à gestora: “A escola dispõe de materiais pedagógicos suficientes e adequados para atender aos educandos com deficiência visual? Em caso afirmativo, cite-os.” Obteve-se a seguinte afirmação: “*Não, até mesmo porque o pouco dinheiro que a escola recebe é voltado a outras “prioridades”, não dando assim para esse tipo de material didático. Chamex, giz, lápis de cor, jogos educativos, fita, EVA*”. Diante da resposta acima, evidenciou-se que, o recurso financeiro que a escola recebe é pouco, não dando para suprir todas as necessidades da escola, inclusive, o material didático destinado aos alunos com necessidades especiais, tornando assim, mais difícil para o deficiente visual.

Segundo Siaulys (apud FIGUEIREDO; MANZINI; 2013):

As dificuldades encontradas na busca de recurso para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno cego são grandes e os recursos específicos escassos. [...], para que o aprendizado de conceitos, tais como forma, tamanho, organização espaço-temporal, esquema corporal, causalidade e pensamento lógico-matemático possa se processar de forma adequada, é necessário a elaboração de materiais pedagógicos que possam ser assimilados pelos outros sentidos: tátil-cinestésico, auditivo e olfativo.

A seguir serão analisados os questionamentos direcionados às duas professoras que foram realizadas as seguintes questões:

Em relação à diversidade existente em sala de aula primeiramente foi questionado às professoras: “O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?”. Obteve-se a seguinte resposta da entrevistada A “*É a diferença de cada pessoa*”. e a entrevista B “*São as particularidades de cada indivíduo*”. Diante das respostas acima, observou-se que as professoras têm a concepção e o entendimento de que as diversidades são características individuais de cada ser humano.

Segundo Santos (2013):

[...] as práticas inclusivas se constituem em ações desafiadoras para todos os profissionais da educação, pois necessitam planejar e executar ações que sejam capazes de atender à diversidade, além de exercitar a desmistificação do paradigma educacional, onde o aluno não é autorizado a ser diferente.

Quanto à importância da formação docente para se trabalhar em sala de aula foi direcionado o seguinte questionamento: “Você participou de algum curso de formação continuada na área de Educação Inclusiva?”. A entrevistada A relatou “*Não, mas gostaria de participar porque me deparo com muitas crianças com deficiência e acabo sem saber como trabalhar com elas juntamente com as demais*”. e a entrevistada B “*Não, embora eu trabalhe com muitas crianças com deficiência, já tive palestras falando das deficiências de modo geral, mas que não ajudam como trabalhar na sala de aula com eles*”.

Diante das falas, percebeu-se que, as próprias educadoras reconhecem a importância dos cursos de formação continuada, pois os mesmos auxiliam para a realização de seu trabalho, mas vale ressaltar que na referida escola não há formação continuada, e a formação inicial não é o suficiente para lidar com essa modalidade de ensino.

Segundo Giroux (1997, p. 14): “os conhecimentos adquiridos pelo professor em seu curso de formação inicial servem-lhe de base para iniciar o magistério, porém, não o têm encorajado a assumir seu papel intelectual transformador”.

Perguntou-se ainda, “Qual a sua concepção a respeito de alunos com deficiência visual nas classes regulares?.” Diante deste questionamento a entrevistada A afirmou que “*É importante para a criança, é um direito deles, mas dificulta o nosso trabalho como professora*”. e a entrevistada B “*É importante porque favorece o desenvolvimento desse aluno*”. Diante das respostas, pôde-se observar que ambas educadoras, são a favor da prática de inclusão, pois a mesma favorece o desenvolvimento desses alunos, mas a educadora “A” ressalta a dificuldade de se trabalhar com eles.

Referindo-se a isso, Silva (apud SANTOS, 2013) ressalta que “a inclusão provoca uma mudança de atitude do professor da escola regular, no sentido de aceitar o aluno com deficiência, não apenas porque todos têm os mesmos direitos, mas porque ninguém é igual a ninguém”.

Em seguida foi indagado às professoras: “Você acha que sua formação é suficiente para atender esses educandos? Justifique.” A entrevistada A relatou “*Não, sou Pedagoga, mas o curso ofereceu somente uma cadeira de educação inclusiva mas que não é suficiente*”. enquanto a entrevistada B “*Não, até mesmo porque no interior da sala de aula ocorrem inúmeras situações e às vezes fico sem saber qual a melhor maneira de intervir*”. Ambas educadoras reconhecem que suas formações não são suficientes e deixam explícitas a sua falta de preparo para atender a essa modalidade, pois o município não oferece capacitação e para se trabalhar com esses educandos é necessária uma formação específica.

Nesse contexto, Jiménez (apud GRANEMANN; 2013) ressalta que:

[...] que toda a qualificação profissional na perspectiva inclusiva deve estar empenhada na oferta de condições que favoreçam o desenvolvimento de uma competência voltada para a aceitação da diversidade apresentada pela clientela escolar, bem como pelo entendimento dos caminhos que o aluno percorre no processo de construção de conhecimentos.

Com relação aos materiais didáticos necessários para o desenvolvimento da prática educativa com os alunos foi questionado: “Os materiais oferecidos pela escola são suficientes para atender aos educandos com deficiência visual? Em caso afirmativo, cite-os.” Obteve –se as seguintes respostas: a entrevistada A “*Não, os oferecidos são chamex, giz, o livro as crianças que têm deficiência nem chegam a receber*”. e a entrevistada B “*Não, os materiais que são disponibilizados não são adequados para atender às necessidades individuais desses alunos*”.

Nota-se a inadequação de materiais didáticos oferecidos nas escolas o que dificulta tanto o trabalho do educador, quanto a aprendizagem dos educandos. Os materiais que são oferecidos pela escola não são suficientes para atender às diversidades dos alunos e isso reflete no trabalho do educador que encontra dificuldades em trabalhar e oferecer um ensino de qualidade para seus alunos.

De acordo com Fávero, Pantoja e Montoan (2007, p.40):

[...] A escola deve providenciar para o aluno, após sua matrícula, o material didático necessário, como regletes, soroban, além do ensino do código braille e de noções sobre orientação e mobilidade, atividades de vida autônoma e social.

Quando foi questionado às docentes sobre, “Quais as dificuldades que os deficientes visuais têm em aprender?.” A entrevistada A respondeu “*Acho que a questão da prática mesmo, eu não saber como ensinar eles*”. enquanto a entrevistada B relatou que “*A questão do material que não é adequado e talvez a forma de trabalho realizado, pois sei que o deficiente visual aprende por meio de sinais e embora eu tente fazer um bom trabalho eu ainda me sinto muito leiga sobre o assunto como um todo*”.

Ficou evidente o despreparo de ambas educadoras onde reforçam a necessidade do material didático que supra as necessidades educativas desse educandos e de formação para saber direcionar o ensino dos mesmos. Mesmo sendo várias as dificuldades é importante frisar

que a grande dificuldade não se estabelece somente na falta de recursos, mas também, na qualificação profissional e estrutura escolar. Referindo-se aos recursos materiais, Rodrigues (2007, p. 40, grifo do autor) afirma que:

Os **recursos materiais** [...] são importantes para poder responder com qualidade à diversidade dos alunos. Um exemplo destes recursos materiais são os meios informáticos que permitem, em alguns casos (paralisia cerebral e cegueira, por exemplo) diminuir sensivelmente os problemas que a deficiência coloca à escolarização. [...] a existência de material adequado à estimulação do desenvolvimento psicomotor. São precisos mais recursos materiais para aumentar a confiança e a diversidade de respostas que a escola pode dar às NEE.

Em seguida perguntou-se “Em sua opinião, a inclusão de crianças com deficiência visual nas classes comuns contribui de forma negativa ou positiva para o desenvolvimento dos mesmos? Por quê?. Obteve as seguintes respostas; a entrevista A “*Positiva, porque favorece na interação com os outros alunos*”. a entrevista B, por sua vez, relatou que “*Positiva, porque é importante que eles tenham contato com outras crianças, até para se sentirem mais capazes*”.

Mediante as respostas apresentadas, constatou-se que, ambas as educadoras reconhecem como um fator importante que esses educandos com deficiência visual permaneçam nas classes comuns de ensino, entretanto ao verificar a resposta da entrevistada A na questão 3, a mesma revelou-se não favorável à inclusão, originando assim, uma contradição em suas falas. Segundo Carlo (apud SANTOS, 2013):

[...] a inclusão do aluno com deficiência visual em escolas regulares é de grande importância, de forma que o coletivo atua como “[...] fator fundamental no processo de compensação porque é através das interações sociais e mediação semiótica que se dá a reorganização do funcionamento psíquico de pessoas com deficiência”.

E para finalizar serão analisados os questionários destinados às duas mães.

Com a finalidade de compreender as concepções das mães acerca da temática, primeiramente foi questionado: “O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?”. a mãe A respondeu que “*São as pessoas diferentes*”. a mãe B por sua vez, replicou que “*Todo mundo ser diferente, pois não tem ninguém igual*”. Diante desse posicionamento, observou-se que tanto que ambas às mães, tem a compreensão de que todos os indivíduos são diferentes, cada um com suas especificidades, deixando explícito seu entendimento sobre a diversidade.

Blanco (apud SANTOS, 2013) ressalta que, “[...] à diversidade significa romper com o esquema tradicional com que todos os alunos fazem a mesma coisa, na mesma hora e da mesma forma, sendo necessário levar em consideração as especificidades de cada educando, [...]”.

Em seguida foi indagado: “Em sua opinião a escola está adequada em seus aspectos físicos para atender aos educandos com deficiência visual? Justifique.” Obteve-se as seguintes respostas: mãe A “*Acho que sim*”. e a mãe B “*Sim, até mesmo porque meu filho é bem cuidado*”. Diante das respostas obtidas, constatou-se que as mães não sabem estabelecer a importância tanto da estrutura física quanto da pedagógica para o desenvolvimento educacional de seu filho. Segundo estas, o fato de a escola receber seu filho é suficiente, ou seja, as mesmas não reconhecem o que a escola deve proporcionar para seus filhos de acordo com os aspectos legais.

De acordo com Brasil (apud SANTOS, 2013), “[...] só poderemos considerar nossas escolas inclusivas se estas se modificarem para receber o aluno, suprindo suas necessidades, o que só terá acontecido quando cada aluno incluído dispor da máquina braille”.

Questionou-se ainda: A escola oferece palestras que conscientizam os pais a respeito da inclusão? Justifique.” As mães responderam: mãe A “*Não, até o momento nunca houve nenhuma reunião para falar sobre isso*”. a mãe B “*Não, nunca ninguém teve essa preocupação de fazer isso*”. Evidencia-se que ambas as mães veem a necessidade e a importância da escola proporcionar momentos para se falar sobre a inclusão, até mesmo para que todos de um modo geral tenham o entendimento sobre as deficiências e as necessidades de seus filhos.

Nessa perspectiva, Rodrigues (2007, p. 38) ressalta que:

Há que se cuidar, [...], para que as informações acerca da política de inclusão estejam sendo repassada de maneira adequada à questão dos direitos humanos a participação social, a partir da reorganização do espaço escolar. Caso contrário, poderemos estar mudando apenas de nomenclatura sem, contudo, possibilitar uma reflexão mais profunda acerca das concepções e práticas que poderão conduzir-nos efetivamente ao desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

A pergunta seguinte foi: “Você acompanha o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho na escola? De que maneira?”. Obteve-se as respostas: mãe A “*Sim, todos os dias eu estou na escola, converso com a professora sou bastante presente na educação da minha filha*”. a mãe B respondeu “*Sim, todos os dias venho deixar e buscar meu filho na escola, procuro sempre me manter informada de tudo*”. As mães se mostram envolvidas e participativas no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e dizem que procuram participar ativamente de todos os momentos de seus filhos na escola. Entretanto, percebeu-se que essa participação à qual se referem é somente é deixar e buscar os filhos na escola.

Diante do exposto, Reis (2013) enfatiza que:

[...] quer a família quer a escola funcionam como pontos de apoio e sustentação do ser humano, sendo marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação. A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Quando foi indagado as mães: “Em sua opinião os educadores estão preparados para atender as necessidades de seu filho?”. A mãe A afirmou que “*Sim, a professora sempre tira um tempinho pra ficar com minha filha*”. a mãe B assinalou “*Acho que sim, cuidam muito bem da meu filho, ele nunca se reclamou de nada*”.

Na fala das mães acima, detectou-se que ambas não sabem a distância entre estar preparado profissionalmente para trabalhar com as deficiências e o cuidar de seus filhos, ambas citam o cuidar como fator primordial, qualificando-as assim, para estarem em sala de aula, porém as próprias educadoras afirmam estarem despreparadas para trabalhar com essa modalidade. De acordo com Campos (2009, p. 54), “a professora muitas vezes assume uma tarefa puramente maternal, cumprindo o seu papel docente como se expressa na maternidade”.

Com relação ao trabalho desenvolvido na escola foi questionado as mães: “Você está satisfeito com o atendimento que a escola oferece ao seu filho? Em que aspectos ela deve melhorar? Justifique.” Mães responderam: mãe A: “*Sim, de ter pessoas que conversem sobre a deficiência, explicando até pros outros pais mesmo né*”. e mãe B “*Sim, mas sempre pode melhorar né? Mas é importante que a escola ofereça essas informações sobre a deficiência, mostrando que não é doença, que a criança não escolhe nascer assim*”.

A partir desse posicionamento as mães reafirmam que a escola não oferece nenhum momento para a conscientização sobre a temática estudada. E durante a análise notou-se que em outros momentos as mesmas exigem que a escola tenha uma postura mais participativa no processo pedagógico.

Nesta perspectiva, Santos (2013) afirma que: “[...] discutir a inclusão escolar é trazer à tona a necessidade de uma prática pedagógica comprometida com a diferença, onde as limitações impostas pela deficiência sejam atendidas de forma plena”.

E por fim foi questionado: “Você tem uma boa relação com a educadora de seu filho (a)?”. A mãe A respondeu: “*Sim, sempre me dei bem com todas*”. e a mãe B ressaltou: “*Sim, graças a Deus, agradeço muito a ela pelo cuidado com meu filho*”.

É perceptível que as opiniões embasam-se na questão das educadoras tratarem bem seus filhos e isso é o suficiente para elas, volta-se aqui à questão do assistencialismo e não de uma educação de qualidade. Observou-se que a preocupação de ambas não está relacionada ao desenvolvimento educacional desses educandos, mas somente ao atendimento simplório que a escola oferece.

Considerações finais

A reflexão feita neste trabalho foi relacionada à inclusão desses educandos no contexto educacional, enfatizando a importância da formação continuada, proporcionando assim, a inclusão de forma adequada referentes aos direitos dos educandos e deveres dos profissionais da educação.

A presente pesquisa teve como finalidade analisar como o processo de inclusão acontece nos espaços escolares de ensino regular e suas contribuições com relação ao respeito à diversidade e a possibilidade de melhoria no rendimento dos alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim. Entretanto, diante dos dados coletados, percebeu-se que, a instituição não apresenta subsídios adequados que favorecem o aprendizado desses educandos tanto na estrutura física quanto na pedagógica. Vale ressaltar ainda que, os profissionais não possuem uma formação específica para atender às necessidades educacionais dessa modalidade.

Constatou-se que a escola não possui um perfil inclusivo e embora atenda educandos com deficiência não significa que a mesma possa oferecer uma educação de qualidade, uma vez que, diante das análises detectou-se que a mesma ainda está pautada em uma educação voltada ao assistencialismo. Outro fator importante direciona-se à falta de conscientização entre os pais e a escola, pois os mesmos demonstraram não entender o real significado da inclusão.

Portanto, a escola necessita de uma estrutura voltada para a inclusão de profissionais qualificados para que assim, possa garantir um melhor nível na qualidade de ensino para todos independentes de suas especificidades. Além disso, considera-se importante que a escola proporcione formação continuada aos educadores para que assim possam conscientizar a comunidade e os demais sujeitos envolvidos no processo pedagógico sobre a inclusão dos deficientes visuais nas classes regulares de ensino.

Referências

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 2 ed., Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo. 20 ed., Atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac P.; MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Atendimento educacional especializado: aspectos legais e orientações pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEEPP, 2007.

FREITAS, Soraia Napoleão. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. **Inclusão:** Revista da Educação Especial. Secretária da Educação Especial. Brasília. v. 4, nº 1, Janeiro/Junho. 2008.

FIQUEREIDO, Carlos Alberto Valero de; MANZINI, José Eduardo. **O recurso pedagógico sob o ponto de vista do aluno da habilitação em educação especial do curso de Pedagogia.** Disponível em:

<http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista8numero2pdf/4figueiredo_manzini.pdf>. Acesso em: 03.09. 2016.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais:** resumo a uma análise pedagógica crítica de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GRANEMANN, Jucélia Linhares. **Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola:** uma proposta necessária e em ascensão. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT15-3634--Int.pdf>>. Acesso em 03.09.2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. 5 ed., revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

REIS, Paula Colares Pereira dos. **A relação entre pais e professores:** uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Disponível em:

<<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2238/1/PAULA.COLARES.Relacao.Pais.Professores.pdf>>. Acesso em: 09.08.16.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; SOUZA, Amaralina Miranda de. **Pedagogia:** educação inclusiva. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RODRIGUES, David. Questões preliminares sobre o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva. **Inclusão:** Revista da Educação Especial. Secretária da Educação Especial. Brasília. v. 4, nº 1, Janeiro/Junho. 2008.

SANTOS, Miralva Jesus dos. **A escolarização do aluno com deficiência visual e sua experiência educacional.** Disponível

em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10613/1/Miralva%20dos%20Santos.pdf>>
Acesso em: 25.09.2016.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 13 ed., São Paulo: Atlas, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário aplicado ao gestor (a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE BACHARELADO E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa cujo tema é: Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim, na qual pretende analisar como o processo de inclusão acontece nos espaços escolares de ensino de ensino regular e suas contribuições com relação ao respeito à diversidade e a possibilidade de melhoria no rendimento dos alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim.

- 1- O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?

- 2- Qual nível da procura de vagas para crianças com deficiência visual?

- 3- A escola está preparada em seus aspectos físicos e pedagógicos para atender os educandos com deficiência visual?

- 4- Há comunicação aberta entre a escola e a comunidade a respeito da inclusão? De que forma?

- 5- A escola oferece formação continuada aos educadores na área da Educação Especial? Justifique.

- 6- O planejamento da escola está adequado para atender os educandos com deficiência visual?

- 7- A escola dispõe de materiais pedagógicos suficientes e adequados para atender às diversidades dos educandos? Em caso afirmativo, cite-os.

APÊNDICE B- Questionário aplicado às duas educadoras

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE BACHARELADO E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa cujo tema é: Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim, na qual pretende analisar como o processo de inclusão acontece nos espaços escolares de ensino regular e suas contribuições com relação ao respeito à diversidade e a possibilidade de melhoria no rendimento dos alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim.

- 1- O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?
- 2- Você participou de algum curso de formação continuada na área de Educação Inclusiva?
- 3- Qual a sua concepção a respeito de alunos com deficiência visual nas classes regulares?
- 4- Você acha que sua formação é suficiente para atender esses educandos? Justifique.
- 5- Os materiais oferecidos pela escola são suficientes para atender os educandos com deficiência visual? Em caso afirmativo, cite-os.
- 6- Quais as dificuldades que os deficientes visuais têm em aprender?
- 7- Em sua opinião, a inclusão de crianças com deficiência nas classes comuns contribui de forma negativa ou positiva para o desenvolvimento dos mesmos? Por quê?

APÊNDICE C- Questionário aplicado às duas mães

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE BACHARELADO E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa cujo tema é: Uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim, na qual pretende analisar como o processo de inclusão acontece nos espaços escolares de ensino regular e suas contribuições com relação ao respeito à diversidade e a possibilidade de melhoria no rendimento dos alunos com deficiência visual na Escola Bom Jardim.

- 1- O que você entende por inclusão na perspectiva da diversidade?
- 2- Em sua opinião a escola está adequada em seus aspectos físicos para atender os educandos com deficiência visual? Justifique.
- 3- A escola oferece palestras que conscientizam os pais a respeito da inclusão? Justifique.
- 4- Você acompanha o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho na escola? De que maneira?
- 5- Em sua opinião os educadores estão preparados para atender as necessidades de seu filho?
- 6- Você está satisfeito com o atendimento que a escola oferece ao seu filho? Em que aspectos ela deve melhorar? Justifique.
- 7- Você tem uma boa relação com a educadora de seu filho?

ANEXO

Instruções aos autores

Ciência e Educação

ISSN-L 1516-7313 *versão impressa*

ISSN 1980-850X *versão online*

Escopo e política

Ciência & Educação tem como missão publicar artigos científicos sobre resultados de pesquisas empíricas ou teóricas e ensaios originais sobre temas relacionados à Educação Científica. Entenda-se por pesquisa em Educação Científica as investigações que geram conhecimentos, por exemplo, sobre o ensino e a aprendizagem de Ciências, Física, Química, Biologia, Geociências, Educação Ambiental, Matemática e áreas afins. A revista tem, ainda, como responsabilidade disseminar a pesquisadores, professores e alunos dos diversos níveis de ensino, bem como aos interessados em geral, a produção nacional e internacional nesta área de pesquisa. Criada e editada desde 1995, sob a responsabilidade de Conselho Editorial pertencente ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da UNESP, **Ciência & Educação** passou a ser importante veículo nacional na área de Educação em Ciências e Matemática. A participação, em seus Conselhos Consultivos e de Avaliadores, de importantes pesquisadores de várias instituições nacionais e internacionais proporcionou ao periódico atingir a classificação Qualis A1 na área de Ensino no sistema Qualis de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O periódico não cobra taxas para submissão ou avaliação de manuscritos e adota o modelo de acesso aberto e gratuito ao seu conteúdo.

Forma e preparação de manuscritos

Ciência & Educação publica artigos científicos e de revisões de literatura resultantes de pesquisas empíricas ou teóricas originais sobre temas relacionados à Educação Científica (Ciências, Física, Química, Biologia, Geociências, Educação Ambiental, Matemática e áreas afins) incluindo críticas, defesas e comentários sobre artigos publicados na própria revista.

Apresentação dos trabalhos

Ciência & Educação aceita colaborações em português, espanhol e inglês. Os originais devem ser enviados com texto digitado em Word for Windows ou software compatível, fonte Times New Roman, corpo 12, espaço simples, com até 15 laudas. O tamanho do papel é A4 e as margens devem ser configuradas: 3 cm para as margens esquerda e superior, e 2 cm para as margens inferior e direita.

ARTIGO ORIGINAL

Todos os originais submetidos à publicação devem conter resumo em língua vernácula e em inglês (abstract), bem como até cinco palavras-chave alusivas à temática do trabalho, em português ou espanhol e inglês.

Os padrões de referências e de citações seguem as normas mais atualizadas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR6023 e NBR10520, respectivamente.

Na *folha de rosto* devem constar o título do trabalho (em português ou espanhol e inglês) e afiliação completa de todos os autores na seguinte ordem: **última formação** (graduado em..., graduando em... , especialista em..., mestre em..., doutor em..., mestrando em..., doutorando em...), **função** (docente,

pesquisador, coordenador, diretor...), **departamento** ou **unidade** (por extenso), **universidade**(sigla). **Cidade, estado, e-mail** e endereço do primeiro autor, para correspondência.

Na *primeira página* do texto devem constar o título completo do artigo em português ou espanhol e inglês, resumo em português ou espanhol e abstract, com até 150 palavras. Também devem ser atribuídas até cinco palavras-chave em português e em inglês (key words), separadas por ponto final. Esses descritores (palavras-chave/key words) devem refletir da melhor maneira possível o conteúdo abordado no artigo, de forma a facilitar a pesquisa temática dos usuários.

TABELAS

Tabelas devem ser representadas segundo as normas de apresentação tabular do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1993). A identificação da tabela deve figurar na parte superior da mesma, em algarismo arábico, precedido da palavra tabela, seguida pelo título, item obrigatório, todos em fonte menor do que a do texto. Toda tabela deve citar a fonte, inscrita a partir da primeira linha de seu rodapé, para identificar o(s) responsável(is) pelos dados numéricos. A identificação deste(s) deve ser precedida da palavra Fonte ou Fontes.

Toda tabela deve ter cabeçalho para indicar o conteúdo das colunas. A moldura de uma tabela não deve ter traços verticais que a delimitem à esquerda e à direita. Recomenda-se que uma tabela seja apresentada em uma única página e que tenha uniformidade gráfica nos corpos e tipos de letras e números, no uso de maiúsculas e minúsculas e no uso de sinais gráficos.

ILUSTRAÇÕES

Ilustrações de quaisquer tipos (desenhos, fotos, esquemas, fluxogramas, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros etc.) devem ter extensão .jpeg, com resolução mínima de 400 dpi. Quando se tratar de gráficos e imagens coloridas, os autores devem enviar gráficos e imagens em versão colorida e em versão preto e branco ou tons de cinza. A versão on-line disponibilizará a versão colorida.

A ilustração deve ser inserida o mais próxima possível do texto a que se refere. A identificação deve figurar na parte superior da ilustração, em algarismo arábico, seguido do título. Na parte inferior da ilustração, deve ser citada a fonte, item obrigatório, que identifica o(s) responsável(is) pela mesma. A identificação deve ser precedida da palavra Fonte ou Fontes. Esses dados devem ser digitados em fonte menor do que a do texto.

NOTAS DE RODAPÉ

Numeradas em algarismos arábicos, devem ser sucintas e usadas somente quando estritamente necessário. Além disso, devem estar em fonte menor e alinhadas à esquerda, no final da página.

TRANSCRIÇÕES

Devem ser colocadas entre aspas e em itálico (por exemplo: transcrição de entrevista, de discurso etc.).

CITAÇÕES

As chamadas de citações por sobrenome de autor e data devem ser em letras maiúsculas e minúsculas e, quando entre parêntesis, devem ser em letras maiúsculas. Devem ser citados até três autores, com sobrenomes separados por ponto e vírgula. Para mais de três autores, usar o sobrenome do primeiro e a palavra et al.

1. Citações diretas ou literais no texto: devem subordinar-se à forma: (sobrenome de autor, data, página). Com até três linhas, as citações devem ficar entre aspas e **sem itálico**. Com mais de três linhas, as citações devem seguir o seguinte padrão: recuo de 4 cm na margem, fonte menor, **sem aspas** e **sem itálico**.

2. Citações indiretas: quando o autor for citado no texto, colocar sobrenome do autor e ano (entre parêntesis).

Exemplos:

- Seu caráter interdisciplinar compreende "[...] uma área de estudos onde a preocupação maior é tratar a ciência e a tecnologia, tendo em vista suas relações, conseqüências e respostas sociais" (BAZZO; COLOMBO, 2001, p. 93).
- Na mesma perspectiva, Peixoto e Marcondes (2003) discutem visões equivocadas da ciência presentes nas interpretações de alunos inscritos em um programa especial de formação de professores de química para o Ensino Médio.

3. Citações de diversos documentos de um mesmo autor publicados no mesmo ano são distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data e sem espaçamento.

- Reside (1927a)
- Reside (1927b)

4. Todos os autores citados devem constar das referências listadas no final do texto, em ordem alfabética, segundo as normas.

REFERÊNCIAS

Livro

SILVA, F. **Como estabelecer os parâmetros da globalização**. 2. ed. São Paulo: Macuco, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio de conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.

Capítulo de livro

Regra 1: Autor do livro igual ao autor do capítulo

- SANTOS, J. R. dos. Avaliação econômica de empresas. In: _____. **Técnicas de análise financeira**. 6. ed. São Paulo: Macuco, 2001. p. 58-88. *(páginas inicial e final do capítulo são obrigatórias)*

Regra 2: Autor do livro diferente do autor do capítulo

- ROSA, C. Solução para a desigualdade. In: SILVA, F. (Org.). **Como estabelecer os parâmetros da globalização**. 2. ed. São Paulo: Macuco, 1999. p. 2-15. *(páginas inicial e final do capítulo são obrigatórias)*

Regra 3: Quando o autor for uma entidade:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde**. 3. ed. Brasília: SEF, 2001. v. 9.

Regra 4: Quando houver mais de um autor, separá-los com ponto-e-vírgula:

- MERGULHÃO, M. C.; VASAKI, B. N. G. Educando para a conservação da natureza: sugestão de atividades

em educação ambiental. São Paulo: EDUC, 1998.

Nota: quando existirem mais de três autores, indica-se apenas o primeiro, acrescentando-se a expressão et al. (sem itálico).

Exemplo:

- SANZ, M. A. et al. **Ciencia, tecnología y sociedad**. Madrid: Noesis, 1996.

Regra 5: Séries e coleções

MIGLIORI, R. **Paradigmas e educação**. São Paulo: Aquariana, 1993. 20 p. (Visão do futuro, v. 1).

Regra 6: Livro em meio eletrônico

- ALVES, C. **Navio negroiro**. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <http://.....>. Acesso em: 04 mar. 2004 (*dia, mês abreviado, ano*).

Periódico

A regra para autores segue a mesma orientação de livros.

Regra 1: Artigos de revistas

- VILLANI, A.; SANTANA, D. A. Analisando as interações dos participantes numa disciplina de física. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 10, n. 2, p. 197-217, 2004.

Em meio eletrônico:

- RODRIGUES, R. M. G. Tarefa de casa: um dos determinantes do rendimento escolar. **Educação e Filosofia**, v. 12, n. 24, p. 227-254, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://.....>. Acesso em: 04 mar.

2004 (*dia, mês abreviado, ano*)

Teses e Dissertações

BOZELLI, F. C. **Analogias e metáforas no ensino de física: o discurso do professor e o discurso do aluno.** 2005. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência)-Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

Nota: quando o trabalho for consultado on-line, mencionar o endereço eletrônico: Disponível em: <http://.....>. Acesso em: 04 mar. 2004 (*dia, mês abreviado e ano*)

Trabalho apresentado em evento

(Atas, anais, proceedings, resumos, entre outras denominações)

ZYLBERSZTAJN, A. Resolução de problemas: uma perspectiva Kuhniana. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 6., 1998, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SBF, 1998. 1 CD-ROM.

Nota: Quando o trabalho for consultado em material impresso, colocar páginas inicial e final do mesmo. Se o evento estiver publicado em meio eletrônico, especificar a descrição física do documento (CD-ROM, disquete etc). Para consultas on-line mencionar o endereço eletrônico e a data de acesso. Disponível em: <http://.....>. Acesso em: 04 mar. 2004 (*dia, mês abreviado e ano*)

ORDENAÇÃO DAS REFERÊNCIAS

Todos os documentos citados no texto devem constar na lista de referências, que, por sua vez, deve estar ordenada de acordo com o sistema alfabético e alinhada à esquerda da página.

Referências de mesmos autores podem ser substituídas por um traço sublinear (equivalente a seis espaços) e ponto, desde que apareçam na **mesma página**.

Exemplos:

- RUBBA, P. A.; HARKNESS, W. L. Examination of preservice and in-service secondary science teachers' beliefs about science technology-society interactions. **Science Education**, v. 77, n. 4, p. 407-431, 1993.
- _____; SCHONEWEG, C.; HARKNESS, W. L. A new scoring procedure for the views on science-technology-society instrument. **International Journal of Science Education**, London, v. 18, n. 4, p. 387-400, 1996.

Obras com mesmo autor e título, mas de edições diferentes:

- FREIRE, G. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Ed. Nacional, 1936. 405 p.
- _____. _____. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1938. 410 p.

Nota: cabe ao(s) autor(es) verificar se os endereços eletrônicos (URL) citados no texto e/ou nas referências estão ativos.

Envio de manuscritos

Use o site <https://mc04.manuscriptcentral.com/ciedu-scielo> para a submissão de artigos ao periódico *Ciência & Educação*. Crie login e senha através da opção Usuário > Cadastro New user. Os dados de acesso são necessários para introduzir artigos para avaliação, bem como para acompanhar o status

de itens já submetidos. Os artigos devem seguir os requisitos recomendados na seção **Instruções aos Autores**.